

## Prelúdio

Haverá alguém que, interessado na história do homem e no modo como esse misterioso composto se comporta sob o efeito da vária experiência do Tempo, nunca se tenha detido a pensar, ainda que sucintamente, na vida de Santa Teresa, e não tenha tido um sorriso terno ao recordar o episódio em que a rapariguinha sai certa manhã de casa, levando pela mão o seu irmão mais novo, a fim de buscar o martírio nas terras dos mouros? Num passo incerto, deixaram para trás a escarpada Ávila, de olhos arregalados e tão indefesos como pequenas corças, mas com um coração humano onde pulsava já uma ideia nacional, até que a realidade doméstica veio ao seu encontro sob a figura dos tios, obrigando-os a renunciar ao seu grandioso propósito. Essa peregrinação infantil foi um começo apropriado. A natureza idealista e apaixonada de Teresa reclamava uma vida épica: que valiam os volumosos romances de cavalaria ou os triunfos sociais para uma rapariga brilhante como ela? Cedo a sua chama consumiu esse pobre combustível, e, alimentada interiormente, ascendeu para um júbilo ilimitado, um desígnio alheio ao cansaço, que reconciliaria o seu desespero pessoal com a arrebatada consciência de uma vida para além do eu. E Teresa encontrou a sua epopeia na reforma de uma ordem religiosa.

Essa espanhola de há trezentos anos não foi por certo a última da sua espécie. Muitas outras Teresas não encontraram para si próprias uma vida épica, marcada por contínuas e sonantes gestas; em vez disso, talvez hajam conhecido apenas uma vida de erros, resultante do desastroso conúbio entre a grandeza espiritual e a mesquinhez das oportunidades; ou quiçá um trágico malogro que, não tendo encontrado o seu poeta sagrado, desapareceu no olvido sem que ninguém o chorasse. Mal esclarecidas, presas de confusas circunstâncias, elas esforçaram-se por conciliar nobremente os seus pensamentos e os seus actos; mas aos

olhos do vulgo as suas lutas pareciam inconstantes e informes; pois estas Teresas tardias não dispunham do auxílio de uma ordem e de uma fé social coerente, capazes de levar o conhecimento a uma alma ardente e inquieta. O seu ardor oscilava entre um vago ideal e as comuns aspirações femininas; sendo o primeiro considerado uma extravagância, e estas condenadas como uma pecha.

Há quem pense que o fracasso destas vidas se deve à desvantajosa indefinição com que o Ser Supremo moldou a natureza feminina: se o grau de inépcia feminina se pudesse medir tão rigorosamente como a incapacidade de contar até mais do que três, o destino social das mulheres poderia ser tratado com uma certeza científica. Todavia, uma indefinição subsiste, e as suas variações são na verdade muito maiores do que possa sugerir a semelhança dos penteados ou das histórias de amor, em prosa ou verso, que as mulheres preferem. De quando em quando, entre os patinhos do turvo lago nasce um cisne, para desalento de todos, e não consegue encontrar o caminho para o vivo riacho na companhia dos seus irmãos com patas de remo. De quando em quando, nasce uma Santa Teresa que nada irá fundar, e cujas lágrimas e amoroso anseio por um bem inatingível vão vacilando até se dispersarem por entre os obstáculos, em vez de se concentrarem num feito capaz de perdurar na memória.

LIVRO I

Miss Brooke



## CAPÍTULO I

Se nenhum bem, sendo mulher, posso fazer,  
Resta-me buscar o que mais se lhe assemelha.

*The Maid's Tragedy*, BEAUMONT E FLETCHER

Miss Brooke tinha aquele tipo de beleza que um vestuário modesto parece fazer realçar. As suas mãos e pulsos eram tão delicados que podia usar mangas tão carentes de estilo como aquelas em que a Virgem Maria aparecia aos pintores italianos; e também o seu perfil, a sua estatura e o seu porte pareciam alcançar maior dignidade com aquelas roupas simples, que, ao lado das modas da província, lhe conferiam a soleidade de uma bela citação bíblica — ou de um dos nossos poetas antigos — num parágrafo de jornal. Era tida por uma rapariga notavelmente inteligente, embora menos sensata do que a sua irmã Celia. Apesar disso, não se podia dizer que Celia andasse mais enfeitada, e só um observador atento notaria que as suas roupas diferiam das da irmã e exibiam uma nota de garridice, pois a modéstia dos vestidos de Miss Brooke devia-se a condições algo adversas, grande parte das quais partilhada pela sua irmã. O orgulho na sua condição senhorial tinha algo a ver com isso. A família, embora não exactamente aristocrática, era inquestionavelmente de «boa cepa»; podíamos recuar uma ou duas gerações na sua genealogia que não encontraríamos nenhum marçano ou comerciante de tecidos — não encontraríamos nada abaixo de almirante ou sacerdote; tinham até um antepassado, um cavaleiro puritano, que servira às ordens de Cromwell mas se reintegrara depois na igreja protestante, tendo emergido dos conflitos políticos do tempo como proprietário de uma respeitável herdade familiar. É natural que jovens com tais ascendentes, que viviam numa tranquila moradia rural e frequentavam

uma igreja pouco maior do que um salão, encarassem os atavios como pretensões próprias de filhas de um bufarinheiro. Além disso, elas partilhavam o sentido de economia das pessoas bem-nascidas, que nesse tempo se pautava pela regra de que o vestuário era o primeiro item a excluir quando se impunha reservar alguma verba para despesas mais identificadoras da posição social. Tais circunstâncias, independentemente da religiosidade, bastariam para justificar aquela modéstia no vestir; mas no caso de Miss Brooke a religião seria só por si suficiente para tal, e Celia assentia brandamente aos sentimentos da irmã, infundindo-lhes apenas aquele bom senso capaz de aceitar graves doutrinas sem cair em excêntricos frenesis. Dorothea sabia de cor muitas passagens dos *Pensamentos* de Pascal, assim como das obras de Jeremy Taylor; e o destino da humanidade à luz do cristianismo fazia que as solitudes da moda feminina lhe parecessem uma preocupação própria de doidos. Era incapaz de conciliar as inquietudes de uma vida espiritual, prenhe de eternas consequências, com um profundo interesse em passamanes ou caimentos de vestidos. Tinha uma mente teórica, cuja natureza a fazia aspirar a uma nobre concepção do mundo, passível de incluir a paróquia de Tipton e as suas próprias regras de conduta no seio da mesma; apaixonavam-na a exuberância e a grandeza, e era capaz de se lançar temerariamente nos braços de algo em que vislumbrasse tais atributos; era pessoa para buscar o martírio, para depois se retractar e acabar por sofrer esse mesmo martírio, mas num quadrante onde não o procurara. Tais qualidades, numa jovem casadoira, não podiam deixar de influenciar o seu destino e de impedir que este fosse determinado pelos trâmites habituais, ou seja, pela beleza, a vaidade e uma simples dedicação canina. A tudo isto há que acrescentar que Dorothea, sendo a mais velha das duas irmãs, não tinha ainda vinte anos, e desde que haviam perdido os pais, por volta dos doze, as duas haviam sido educadas de acordo com um plano ao mesmo tempo austero e desordenado, inicialmente junto de uma família inglesa, e mais tarde com uma família suíça, em Lausanne, sendo esta a forma como o seu tutor, um tio solteirão, tentara remediar os inconvenientes da sua orfandade.

Ainda não fizera um ano desde que tinham vindo morar para Tipton Grange com o tio, um homem de quase sessenta anos, temperamento dócil, opiniões heterogêneas e ideias políticas incertas. Mr. Brooke viajara muito na sua juventude, e era visto em todo aquele condado como alguém que contraíra hábitos mentais demasiado tortuosos. As suas ideias eram tão imprevisíveis como o tempo: a única coisa que se podia garantir era que agiria com boas intenções, mas que despenderia o mí-

nimo possível na sua execução. Pois até as mentes mais viscosamente indefinidas encerram duros grânulos de hábito; e sabe-se de um homem que era desleixado em relação a todos os seus interesses, com a única exceção da caixa de rapé, à qual dedicava uma vigilância avara e desconfiada.

Em Mr. Brooke, era evidente que a energia puritana dos seus antepassados se encontrava em suspensão; na sua sobrinha Dorothea, pelo contrário, essa energia vibrava tanto nas virtudes como nos defeitos, transformando-se por vezes em impaciência perante os ditos do tio ou a sua atitude descontraída em relação às coisas da quinta, o que a fazia suspirar ainda mais pela maioridade, altura em que poderia aceder à sua herança e dispor dela com a generosidade que pretendia. Dorothea era vista como uma herdeira, pois, além das setecentas libras anuais que os pais haviam deixado a cada uma das filhas, se a mais velha casasse e tivesse um filho, esse filho herdaria a propriedade de Mr. Brooke, que supostamente rendia umas três mil libras anuais — renda que parecia uma fortuna para as gentes da província, que ainda comentavam a lei de Mr. Peel<sup>1</sup> sobre a emancipação dos católicos e nada sabiam de futuras minas de ouro, ou dessa magnífica plutocracia que tão nobremente aumentou as necessidades da vida elegante.

E como podia Dorothea não casar, sendo uma jovem tão atraente e tão dotada? A única coisa que o poderia impedir eram as suas tendências extremistas e a sua determinação em regular a vida por ideias que poderiam levar um homem prudente a hesitar antes de lhe pedir a mão, ou mesmo a que ela própria recusasse todas as propostas. Uma jovem bem-nascida e com fortuna, mas capaz de se ajoelhar de súbito à cabeceira de um jornaleiro doente e rezar com fervor, como se julgasse viver ainda no tempo dos Apóstolos! Uma jovem dada a caprichosos acessos de jejum, típicos de papistas, ou a ler noite fora velhos tratados de teologia! Uma esposa assim podia muito bem acordar numa bela manhã com a vesânia de aplicar os seus rendimentos de uma forma contrária à economia política e à manutenção de cavalos de sela: compreende-se que um homem pensasse duas vezes antes de se arriscar em semelhante consórcio. Das mulheres, esperava-se que não tivessem grandes opiniões; mas a principal salvaguarda da vida doméstica e social estava em que ninguém agisse de acordo com as suas opiniões. As pessoas equilibradas pautavam o seu comportamento pelo dos vizinhos; dessa forma, quaisquer lunáticos à solta podiam ser logo detectados e postos de parte.

A opinião geral a respeito das duas recém-chegadas irmãs, mesmo entre os aldeões, tendia a favorecer Celia, tida por uma pessoa amável

e de ar inocente, ao passo que os grandes olhos de Miss Brooke pareciam, tal como a sua fé, demasiado invulgares e surpreendentes. Pobre Dorothea! Em comparação com ela, Celia, com o seu ar inocente, era mais ajuizada e conhecedora do mundo; mas a mente humana é muito mais subtil do que os seus tecidos externos, que compõem para ela uma espécie de brasão ou de mostrador.

Mas quem se aproximasse de Dorothea, ainda que sob a influência de tão alarmante zunzum, descobria nela um encanto incompatível com o mesmo. A maior parte dos homens achavam-na encantadora quando a viam a cavalo. Ela adorava o ar livre e as variadas paisagens campestres, e quando os seus olhos e faces brilhavam de prazer, Dorothea parecia tudo menos uma devota. Montar era um gosto que ela se concedia de vez em quando, apesar dos escrúpulos de consciência que isso lhe causava; sentia que o apreciava de uma forma sensual e pagã, e ansiava por conseguir renunciar a tais passeios.

Era uma jovem franca, ardente e sem traços de vaidade; aliás, era encantador ver como a sua imaginação tendia a adornar Celia com encantos superiores aos seus, e se algum cavalheiro as visitava por outro motivo que não o de falar com Mr. Brooke, Dorothea concluía que ele estava enamorado da irmã: um desses casos era o de Sir James Chettam, que ela avaliava constantemente em função de Celia, perguntando-se se esta faria bem em aceitá-lo como marido. A ideia de que pudesse ser à sua mão que Sir James aspirava parecer-lhe-ia ridícula e despropositada. Não obstante todo o seu anseio por conhecer a vida, Dorothea conservava umas ideias assaz infantis a respeito do casamento. Sabia que teria aceitado o judicioso Hooker, se tivesse nascido a tempo de o salvar daquele desditoso erro em que incorrera ao casar; ou John Milton depois de cego; ou qualquer outro homem famoso cujos estranhos costumes seria uma gloriosa obra de piedade suportar; mas um bonito e amável baronete, que respondia sempre com um «Exactamente» às suas observações, mesmo quando estas exprimiam dúvida, como podia ela aceitar tal pretendente? Na sua maneira de ver, um casamento verdadeiramente maravilhoso teria de ser aquele em que o marido fosse para ela uma espécie de pai, alguém que lhe pudesse ensinar hebraico, se ela assim o desejasse.

Estas peculiaridades do carácter de Dorothea faziam que a vizinhança censurasse ainda mais Mr. Brooke por não ter contratado uma senhora de meia-idade que pudesse servir às sobrinhas de guia e companhia. Mas ele receava de tal modo o tipo de mulher superior que estaria disponível para tal cargo que cedeu às objecções levantadas por Dorothea e, por uma vez, reuniu forças para desafiar o mundo — o mesmo é dizer, Mrs.

Cadwallader, a esposa do reitor, e o pequeno grupo de fidalgos que visitava na ponta noroeste de Loamshire. Deste modo, Miss Brooke presidia na casa do seu tio, sem que lhe desagradasse minimamente a recém-adquirida autoridade, nem as homenagens que a mesma acarretava.

Sir James Chettam vinha hoje almoçar a Tipton, juntamente com outro cavalheiro, que as raparigas nunca tinham visto, e em relação ao qual Dorothea sentia uma expectativa plena de veneração. O cavalheiro em questão era o reverendo Edward Casaubon, tido no condado como um homem de profundo saber, que se dedicava havia anos a uma grande obra de história da religião; era tido igualmente por detentor de uma fortuna suficientemente vasta para acrescentar lustro à sua piedade, e por um homem com ideias próprias, que seriam clarificadas aquando da publicação da sua obra. Só por si, o seu nome provocava uma impressão difícil de avaliar sem uma precisa relação cronológica de eruditos.

Ainda de manhã, depois de ter voltado da escola de primeiras letras que fundara na aldeia, Dorothea encontrava-se, como habitualmente, na bonita sala que separava o seu quarto do da irmã, ocupada a ultimar o projecto de uns edifícios (um tipo de trabalho que a deliciava), quando Celia, que a estivera a observar com o hesitante desejo de lhe propor algo, disse:

— Dorothea, querida, se não te importas — se não estiveres muito ocupada —, achas que podíamos ver hoje as jóias da mamã e reparti-las? Faz hoje exactamente seis meses que o tio tas entregou, e nem sequer olhaste para elas.

No rosto de Celia havia um leve trejeito de enfado, apenas reprimido pelo seu habitual temor à irmã e aos grandes princípios; duas realidades associadas que, tocadas descuidadamente, podiam gerar uma electricidade misteriosa. Para seu alívio, viu nos olhos de Dorothea uma expressão risonha.

— Que fantástico almanaque tu és, Celia! São seis meses de calendário ou lunares?

— Hoje é o último dia de Setembro, e o tio entregou-tas a um de Abril. Imagino que nunca mais tenhas pensado nelas, desde que as guardaste nesta gaveta.

— Sabes, querida, acho que nunca as devíamos usar. — Dorothea disse isto num tom cordial, entre carinhoso e explicativo. Tinha um lápis na mão e fazia uns minúsculos esboços na margem de uma folha de papel.

Celia corou e pôs um ar muito sério. — Acho que é uma falta de respeito à memória da mamã termos as jóias arrumadas, sem lhes ligar-

mos nenhuma. Além disso — acrescentou com um soluço de pesar, e depois de uma breve hesitação —, os colares vêm-se muito hoje em dia; mesmo a Madame Poinçon, que em certos aspectos ainda era mais austera do que tu, costumava usar adornos. E as cristãs em geral ... de certeza que há mulheres que usaram jóias e estão hoje no céu. — Celia sabia-se capaz de uma certa energia mental quando se aplicava verdadeiramente numa discussão.

— Gostavas de as usar? — exclamou Dorothea, com uma expressão de assombro a animar dramaticamente todo o seu ser, e que era nela uma imitação dessa mesma Madame Poinçon que usava adornos. — Então vamos buscá-las, claro. Porque é que não me disseste? Onde pus as chaves? — Levou as mãos às fronteiras, como desesperada da sua falta de memória.

— Estão aqui — disse Celia, que planeava havia muito este esclarecimento.

— Abre a gaveta grande da secretária e tira o guarda-jóias.

Em breve tinham à sua frente o cofrezinho e as jóias espalhadas sobre a mesa, num cintilante alfofre. Não era uma grande coleção, mas algumas eram verdadeiramente belas; as que mais sobressaíam eram um colar de ametistas púrpura cravadas num requintado engaste em ouro e uma cruz de pérolas com cinco brilhantes. Dorothea pegou de imediato no colar e pô-lo ao pescoço da irmã, onde assentou quase à justa, como uma pulseira. Mas o colar dizia bem com o pescoço e a cabeça de Celia, de estilo Henrietta-Maria, facto que ela pôde comprovar mirando-se no tremó da parede oposta.

— Aí o tens, Celia! Podes usá-lo com o vestido de musselina indiana. Mas esta cruz vai melhor com tons escuros.

Celia evitou um sorriso de satisfação. — Oh, Dodo, a cruz tem de ficar para ti.

— Não, querida, não — disse Dorothea, erguendo a mão num gesto de indiferença e desaprovação.

— Claro que sim, ia ficar-te bem... com o vestido preto — insistiu Celia. — *Tens* de a usar.

— Nem pensar, nem pensar. Tudo menos usar um crucifixo como adorno — disse Dorothea, com um leve estremecimento.

— Então, deves achar mal eu usá-lo — disse Celia, com um ar aprensivo.

— Não, querida — respondeu Dorothea, afagando-lhe a face. — As almas também têm cor, e o que fica bem numas não fica bem noutras.

— Mas podias querer ficar com ele, como recordação da mamã.